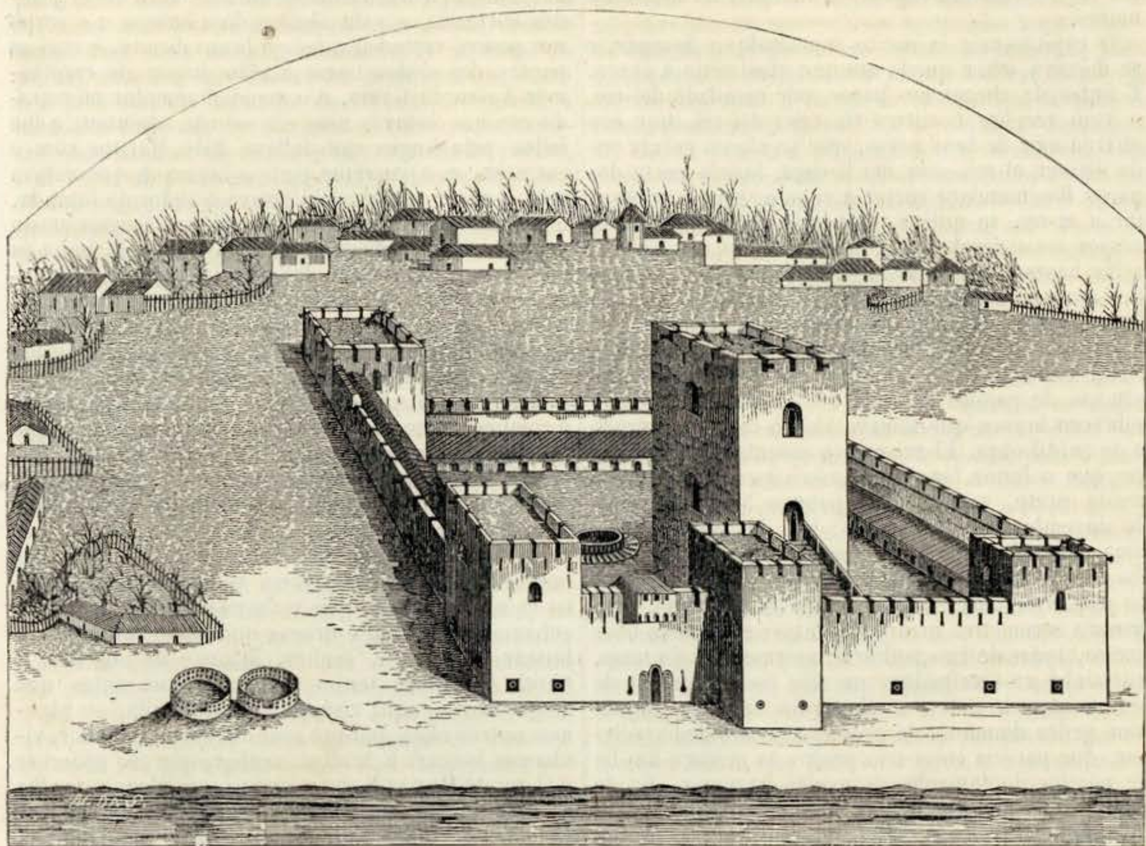


Fortaleza de Calecut feita por Affonso de Albuquerque em 1512 — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Aqui se enxerga, lá do mar undoso,
Um monte alto que corre largamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual, pequena quantidade,
Se estende sua falda estreita que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio, rica e bella:
Samorim se intitula o senhor d'ella.

CAMÕES CANT. VII.

Em Calecut, cidade do Malabar, e outr'ora a mais rica de toda a costa, terminou Vasco da Gama a derrota do descobrimento da India. Dois cantos dedicou o seu Homero e nosso Camões a referir quanto alli passou o argonauta portuguez, sem que podesse assentar pazes com o samorim, valendo-se o Gama de toda a sua sagacidade para se livrar da prisão e das ciladas que lhe armou o traiçoeiro soberano malaio.

Ás diligencias da academia real das sciencias devemos o saber hoje, mais por menor, o que se passou entre Vasco da Gama e o samorim de Calecut, pela publicação do precioso manuscripto de Gaspar Correia, as *Lendas da India*. Junto a ellas vem lithographado o desenho da fortaleza de Calecut, que hoje damos reduzido, e gravado em madeira. D'ellas resumimos tambem a narrativa da audiencia que o samorim deu a Vasco da Gama, depois de muitas delongas e subterfugios. E trecho mui curioso.

«Finalmente, mandou el-rei de Calecut dizer ao capitão-mór, Vasco da Gama, que estava em seus paços aguardando por elle. O capitão-mór foi no seu batel, e um mouro, corretor do rei, com grandes almadias o levou a terra com todo o fato. Foi primeiro á feitoria, onde vestiu um sáio bastardo, comprido até os pés, de setim aleonado, forrado de brocado raso, e por baixo outro sáio curto de setim azul, borzeguins brancos, barrete de orelhas de veludo azul com uma penna branca debaixo de uma rica medadalha, collar de hombros de esmalte, e cinto rico com um rico punhal. Com elle ia um pagem, vestido de setim roxo; e adiante os homens, em fio um ante o outro, com os presentes; primeiro o bacio que um d'elles levava tomado com uma toalha, encostado aos peitos; outro com o gomil; e logo o bacio com as facas e barretes; depois o espelho aberto, que era de portas, muito rico, todo doirado; e d'ahi as peças de seda, levando a de escarlate aberta a ponta da mostra; e adiante de tudo, a cadeira sobre a cabeça do corretor. Á frente iam as trombetas tangendo, e o feitor com uma cana na mão, e o barrete fóra, como levavam todos os do presente.

El-rei estava em uma varanda, d'onde viu tudo na ordem que vinha, com mui grande prazer de ver coisas tão ricas. O feitor entrou adiante, apresentando cada coisa a el-rei, e na cadeira poz uma almofada, e outra aos pés, dizendo que o embaixador lhe pedia por mercê se assentasse, para n'ella assentado lhe dar a sua embaixada; el-rei, pelo grande prazer com que estava, assentou-se na cadeira. Antes de

chegar aos paços, havia uma larga rua por onde foi Vasco da Gama; mas a gente era tanta, que os nossos não podiam andar, posto que iam muitos naires, fazendo-a afastar, e de envolta grande somma de moiros com espadas e adargas, ao modo dos naires.

O capitão-mór ia muito repousado e devagar, e se deixava estar quedo até que afastavam a gente. E antes de chegar aos paços, por mandado del-rei, o veiu receber o catual da casa del-rei, que é o guarda-mór de seus paços, que se algum entrar onde estiver el-rei, sem sua licença, logo á porta dos paços lhe mandará cortar a cabeça, sem o perguntar a el-rei, se quizer. Com este catual ficaram os nossos mais desabafados, porque mandava afastar, e lhe haviam muito medo. A cada peça que o feitor lhe apresentava, el-rei estava olhando, e por isso faziam muita detença. Chegando o capitão-mór, foi levado por muitos pateos e varandas até á casa dianteira, onde el-rei estava, que era em uma camara armada de pannos de seda de muitas côres, e um sobreceo branco que tomava toda a camara, lavrado e de subtil obra. El-rei estava assentado na cadeira em que o feitor fez que se assentasse. Era homem muito preto, nu, só com pannos brancos, vestido do embigo até ao joelho; um dos pannos fazia uma ponta comprida, em que estavam enfiados muitos anneis de oiro com grossos rubins; tinha no braço esquerdo uma manilha acima do cotovelo, que parecia serem tres manilhas juntas; a do meio mais grossa, todas de rica pedraria, mórmente a do meio, que tinha grossas pedras que não podiam deixar de ser de grande valia, e d'esta do meio pendurada uma pedra diamante da grossura de um dedo pollegar, que parecia coisa sem preço; ao pescoço um fio de perolas do tamanho de avelãs pequenas, fio de duas voltas até o embigo, e acima tinha uma cadeia de oiro roliça delgada, em que tinha uma joia da feição de coração, cercada de perolas mais grossas, e toda cheia de rubins, e no meio uma pedra verde, esmeralda da grandeza de uma fava grossa, que, segundo mostrava, era de grande preço, e, segundo a informação que depois houve, esta joia e a que estava nas manilhas do braço, e outra perola que o rei tinha pendurada nos cabellos, eram todas do thesouro antigo dos reis de Calecut. Tinha el-rei os cabellos compridos, pretos, todos apanhados e atados sobre a cabeça, com um nó dado n'elles: de redor do nó tinha um fio de perolas, como as do pescoço, e na ponta do fio uma perola pendente da feição de perilha, mais grossa que todas, que parecia coisa rica: as orelhas furadas de grandes buracos com muitas orelheiras de oiro de grãos redondos.

Junto del-rei estava um moço, seu pagem, com um panno de seda de redor de si; tinha uma adarga vermelha guarnecida de oiro e pedraria pela borda e no meio, largura de um palmo, e o embraçamento por dentro de oiro; e uma espada nua, curta de um covado, romba da ponta, a empunhadura de oiro e pedraria com perolas pendentes. E da outra parte estava outro pagem que tinha uma copa de oiro de bordas largas, em que el-rei cuspia. Nas costas da cadeira estava o seu bramane-mór, que lhe dava, de quando em quando, uma folha verde muito dobrada, com outras coisas dentro, que el-rei comia e cuspia na copa. A qual folha é do tamanho da folha da larangeira, que sempre el-rei come, e depois que a muito mastiga, a deita na copa, e toma outra de novo, porque sómente gosta do sumo d'esta folha, que leva mistura de sal, cal virgem, e outra coisa a que chamam areca, cortada miuda, que é do tamanho de uma castanha. Assim tudo mastigado, faz a bocca e dentes muito vermelhos, e é coisa de que se servem todo o dia, por onde quer que andam, e faz muito bom bafo.

Tendo já o feitor feito apresentação a el-rei de todas as coisas, que elle estava olhando mui de vagar, chegou o nosso embaixador fazendo a el-rei grandes cortezias, e este abaixando a cabeça e o corpo um pouco, estendeu a mão e braço direito, e com as pontas dos dedos tocou a mão direita do capitão-mór Vasco da Gama, e o mandou assentar no estrado em que estava, mas elle se não assentou, e lhe fallou pela lingua que fallava João Martins com o corretor, e o corretor com o bramane que estava com el-rei, e tambem ahi estava o vedor da fazenda, e o guazil. E o capitão-mór lhe disse: « Senhor muito grande, sobre todos os senhores e reis da India és poderoso, e todos estão debaixo de teus pés. O grande rei de Portugal, meu senhor, ouvindo tuas grandezas, que se fallam por todo o mundo, houve grande vontade de te conhecer, e comtigo fazer amizade como proprio irmão, e com toda boa paz e amor mandar suas naus com muitas mercadorias a tratar e comprar as tuas, sobre todas pimenta e drogas, que não ha em Portugal; e com este desejo mandou cincoenta naus com seu capitão-mór, e a mim para vir em terra com seu recado, e o presente de amor e amizade que te apresentei, porque com tormenta me perdi da outra companhia. Deus me quiz trazer aqui onde estou, porque eu creio verdadeiramente, que tu és o rei e senhor que vinhamos buscar, pois aqui achámos a pimenta e drogas que nosso rei mandava buscar, e que tu, senhor, folgaste de nos dar, e muita esperança tenho em Deus, que antes que d'aqui parta, aqui virá ter outra armada, ou algumas outras naus, porque sem duvida a ti, senhor, vinhamos buscar. E te digo, senhor, que tão poderoso é el-rei de Portugal, meu senhor, que depois que lhe eu tornar com tua resposta, e com esta carga que me dás, mandará aqui tantas naus e mercadorias, que levarão quantas fazendas houver n'esta cidade; e para certeza da verdade, esta carta é del-rei meu senhor, assignada de sua mão e sello, e n'ella verás suas boas e verdadeiras palavras que te diz. » E beijou a carta, e a poz nos olhos, e sobre a cabeça, e a deu a el-rei com o joelho no chão, a qual el-rei tomou, e chegou aos peitos com ambas as mãos, mostrando signal de amor. Abriu-a, esteve olhando, e deu-a ao vedor da fazenda, dizendo que a mandasse trasladar. E disse ao capitão-mór que se fosse a descançar, que elle veria a carta, e responderia, e que pedisse ao vedor da fazenda toda quanta fazenda quizesse carregar, que lh'a daria, e tudo quanto houvesse mister para as naus. E que toda a sua gente mandasse á cidade folgar e comprar o que quizesse, pois ninguem lhe faria nenhum mal; e disse ao guazil que assim o mandasse apregoar. Com que o despediu, dizendo que outro dia fallaria mais devagar, porque já era tarde.

Saiu com Vasco da Gama, com o vedor da fazenda, guazil e catual, que o trouxeram á feitoria com suas trombetas tangendo diante, onde se despediram com suas cortezias. O capitão-mór dormiu na feitoria com seu grande contentamento, e ao outro dia mandou as trombetas á nau, e uma carta em que lhe escreveu tudo que passára com el-rei. E o vedor da fazenda ao outro dia veiu ao capitão-mór, e lhe trouxe vinte peças de panno branco muito fino, com chapas d'oiro, a que elles chamavam beirames, e outros vinte pannos brancos grandes, finos em extremo, a que chamavam sinabafos, e dez pannos de seda de côres, e quatro pães de beijoim grandes, quanto um homem podia trazer, e uma panella de procelana grande, como grandes gamelas, e outras seis procelanas côvas, que cada uma levaria dez canadas d'agua, dizendo que el-rei lhe

mandava aquellas coisas para elle, e quando se partisse lhe daria o que havia de levar para el-rei. Do que o capitão-mór lhe mandou seus grandes agradecimentos; mandando tudo para a nau, e trazer para terra uma peça de setim escarlate, dez ramaes de coral grandes, vinte barretes vermelhos, muitas facas, uma peça de grã, e uma caixa de coral de perna, o melhor que havia; fez presentes que mandou pelo corretor ao vedor da fazenda, ao guazil, e catual, a cada um dez covados de setim, seis barretes, dez bainhas de facas, e tres ramaes de coraes, e de coral de perna meio quintal, com que elles houveram muito prazer, e lhe mandaram grandes agradecimentos; mas o guazil tinha paixão, porque sabia que o capitão-mór tinha dado ao vedor da fazenda mais que a elle.»

Depois d'isto seguiram-se as traições e prisão de Vasco da Gama, que referem todos os nossos historiadores da India, até que elle conseguiu regressar a bordo, e partir com a sua armada para o reino.

Estava reservado a Affonso de Albuquerque, pela sua alta politica, conseguir, sem estrondo de armas, assentar pazes com este potentado do Malabar, e levantar fortaleza no seu imperio. Eis como isto se effectuou, segundo conta o mesmo Gaspar Correia, a quem, todavia, não podêmos seguir textualmente pela sua diffusão.

Estando Affonso de Albuquerque em Goa, no anno de 1512, chegou um mensageiro do samorim, rei de Calecut, dando-lhe parte de que estava com muito desejo de fazer assento de paz, e lhe dar fortaleza em qualquer parte que elle quizesse, pondo-lhe na praia toda a madeira e pedra, e se quizesse fazer navios, tambem lhe daria avondança de madeira. De tudo isto lhe mandava suas olas [1] assignadas por elle e seus regedores. Respondeu-lhe Affonso de Albuquerque que el-rei de Portugal era contente de acceitar sua amizade, posto que d'elle, nem de seu reino não tinha nenhuma necessidade, porque o de Cochim lhe dava toda quanta pimenta queria, e as drogas tinha de Malaca; e que sómente o tomava por amigo, por ser visinho de seus amigos, os reis de Cochim e de Cananor, e para este concerto mandava D. Garcia, seu sobrinho, com os apontamentos do que havia de fazer.

Um d'elles era que mandasse trazer muita pedra á praia, defronte do recife, fazer muita cal, e que queria muita madeira, que os mestres iriam cortar ao matto para construir duas galés, e que tudo isto mandaria pagar quanto valesse.

Dias depois da partida de D. Garcia, se embarcou Affonso de Albuquerque em uma galé nova que elle fizera em Cochim, e se foi a Calecut, onde houve muito prazer, por se achar já tudo assentado como elle queria. Á noite foi a terra, secretamente, com D. Garcia, Francisco Nogueira e o mestre, e departiu o logar em que se havia de fazer a fortaleza, torres e a porta, o que tudo foi feito como se vê na estampa. Tinha por quadra oito covados, e com as casinhas por dentro que se fizeram para a gente, ficaram quarenta covados de vão; a torre de menagem no meio, no sotão e primeiro sobrado os mantimentos, e dentro um poço de agua muito boa. A artilheria, de cima da torre, descobria toda a cidade.

Affonso de Albuquerque esteve sempre a bordo, perto da terra, vendo a obra, a que se deu tal aviamento, que em treze dias estava cerrada toda a fortaleza em roda, na altura de dois homens, e a torre de menagem no primeiro sobrado, e nas bombardeiras mui formosa artilheria, assim como na torre da guarda da porta, que tambem estava posta no primeiro sobrado.

[1] Folhas seccas de palmeira, onde os asiaticos escrevem, depois de lhes darem certo preparo.

Nomeou Affonso de Albuquerque capitão da fortaleza a Francisco Nogueira, que não havia de vencer o ordenado senão depois do muro estar no andar das ameias; feitor a Gonçalo Mendes; almoxarife, escrivães e todos os outros officiaes necessarios, que não haviam de vencer seus ordenados senão depois de aposentados dentro na fortaleza; pelo que todos davam muito aviamento e pressa á obra. E poz nome de Conceição á fortaleza, porque em vespera de Nossa Senhora da Conceição, sete dias de dezembro, D. Garcia pozera a primeira pedra no alicerce, com orações e benção do padre fr. Domingos de Souza.

El-rei de Calecut tinha mandado recado a Affonso de Albuquerque para que se vissem, que d'isso haveria mui grande prazer; mas Affonso de Albuquerque respondeu que tambem elle o desejava muito, mas que não podia ser senão depois da fortaleza acabada, porque el-rei de Portugal assim lh'o defendia; que logo que acabada fosse, folgaria de ver tamanho rei e senhor como elle era, e tamanho seu amigo.

E assim o cumpriu, porque, quando os nossos se achavam já aposentados na fortaleza, d'ella saiu Affonso de Albuquerque para terra com toda a gente armada, indo adiante sua guarda, e muitos fidalgos. Deixando-os á porta, entrou a fallar a el-rei de Calecut acompanhado sómente de Pedro de Alpoim, Manuel de Lacerda, Gonçalo de Almeida, Manuel de Castro, e Alexandre de Athaide, lingua. Á cautela levava Affonso de Albuquerque uma sáia de malha secreta debaixo da camisa, e na cinta um cris [1] de ouro e pedraria, que valia vinte mil cruzados. El-rei de Calecut, logo que viu Affonso de Albuquerque, levantou-se do seu estrado e lhe veiu tomar a mão direita entre as suas, e a apertou nos peitos, que era a maior honra que lhe podia fazer, e o mandou sentar na borda do estrado, fallando-lhe palavras de muito amor. Albuquerque com grandes comprimentos lhe offereceu todos os serviços n'um largo discurso. Então o rei lhe deu um collar de pedraria que valia dez mil cruzados, e ricos pannos brancos de seu vestir, e outros para o capitão da fortaleza, e para os que estavam presentes.

Os trabalhos que os nossos passaram em Calecut, para sustentar esta fortaleza, até se verem forçados a arrazal-a, merece outro capitulo, para que ande sempre viva na memoria de todos a lembrança das acções heroicas dos nossos antepassados na conquista da India.

EMBAIXADA PORTUGUEZA AO JAPÃO

Desde 1542, que um furioso temporal arrojou do porto de Chincheu ao archipelago japonez o fraco junco em que Francisco Zeinoto, Antonio Peixoto e Antonio da Motta faziam veniaga na costa aparcellada do celestial imperio, até ao anno de 1641 (um seculo exactamente), traficaram os portuguezes no Japão, e lançaram entre os seus habitantes a semente do christianismo; mas desde então até hoje (até ao dia 12 de julho de 1860) nenhum portuguez se atreveu a penetrar no imperio, aonde tinha certo o martyrio, por meio de grandes tormentos.

Dois seculos passaram, dia a dia, sem que os japonezes tivessem communicação com povo algum da Europa que não fosse o hollandez; e essa raça de negociantes, sem preconceitos de nenhum genero, passava por todas as humilhações para fruir os lucros do seu trafico exclusivo; porém, chegou o dia em que as grandes potencias occidentaes resolveram ser tempo de acabar aquelle sequestro de uma parte da especie humana aos regalos da civilisação, á fraternidade com os outros povos, e os tratados

[1] Arma columbrina de que usam os malaios.

de paz e commercio com o imperio do Japão succederam-se uns aos outros, n'estes ultimos annos.

Portugal, a primeira nação cujos navegadores devassaram aquelles mares, não devia ser a ultima a entabolar agora novas negociações com o governo japonez; e de feito, o nosso governo accordou, milagrosamente, com a idéa n'esse ponto, e mandou preparar em Macau a embaixada cuja historia vamos contornar ligeiramente, em vista de documentos officiaes, e de cartas particulares de pessoas em quem confiâmos.

Como não temos em Macau um vapor de guerra (que deviamos ter), foi obrigado o embaixador portuguez, o conselheiro Isidoro Francisco Guimarães, a embarcar no vapor mercante *Fei-má*, com destino a Hong-Kong, e d'alli transportar-se a Shanghae em outro vapor, o *Sangtze*, para cujo porto mandára a corveta de guerra *D. João* I, em que, a final, devia apparecer no Japão.

A 6 de junho de 1860 se effeituou a saída de Macau, acompanhando ao ministro plenipotenciario de S. M. F. na China e Japão, o segundo tenente da armada, Gregorio José Ribeiro, como secretario da legação; João Rodrigues Gonçalves, interprete da lingua sinica; e o alferes, ajudante de ordens, Antonio Caetano, como addido.

No dia 30 de junho velejou a *D. João* de Shanghae para o archipelago japonez, sob o commando do capitão de fragata, Feliciano Antonio Marques Pereira, levando a seu bordo o pessoal da embaixada; e apesar da falta de boas cartas d'aquelles mares, a corveta passou, felizmente, do mar da China para o oceano Pacifico, pelo estreito de Colnet, e fundeou na abra de Yedo, capital do imperio, a 12 de julho á tarde.

Os praguentos vaticinavam que ficaria mallograda a missão, fundando-se em que havia grande agitação politica no imperio, e em que o governo japonez se negára a tratar com a Belgica e com a Suissa, apesar do apoio de nações poderosas; porém o nome portuguez ainda resoava alli, como echo de antigas glorias, e o delegado do nosso soberano não encontrou obstaculos para levar a cabo a sua espinhosa missão.

No mesmo dia 12 vieram a bordo dois officiaes japonezes, á costumada formalidade do registo, e por elles escreveu o nosso embaixador ao ministro dos negocios estrangeiros do imperio, ou coisa que o valha, participando-lhe a sua chegada, e o fim que alli o conduzíra.

No dia 13 foi comprimentado o conselheiro Guimarães da parte do ministro inglez no Japão, o seu velho amigo, mr. Alcock, e convidado a alojar-se n'aquella legação, cujo convite acceitou, desembarcando immediatamente ao som da artilheria da *D. João*. Pouco tempo depois de se achar em terra, foi comprimentado por varias auctoridades japonezas, em nome do seu governo, as quaes lhe fizeram saber que estava preparada uma casa para receber o enviado de Portugal. O ministro, porém, preferiu continuar a residir em casa de mr. Alcock.

No seguinte dia (14) officiou de novo o plenipotenciario portuguez, pedindo uma conferencia para tratar do objecto da sua missão, ao que teve resposta satisfactoria, dentro do praso de vinte e quatro horas. Tambem o veiu comprimentar, no mesmo dia, o governador da cidade, trazendo um delicado presente de doces e frutas para o seu illustre hospede.

A 17 verificou-se a primeira conferencia entre o conselheiro Guimarães e tres plenipotenciarios nomeados pelo governo japonez, os srs. *Midzogoetsi Sanoekino Kami*, *Sakai Okino Kami*, e *Matsdaira Dzirobé*, e ahi se decidiu tomar por base do novo tratado o que ultimamente concluíra lord Elgin, por parte da Inglaterra, e não o feito com a Hollanda, como os japonezes queriam.

A 19 foi o nosso embaixador visitar os ministros do imperio, em grande etiqueta. Abria o cortejo um piquete de officiaes japonezes, commandado por um vice-governador; seguia-se logo o palanquim de s. exc., levando aos lados a bandeira e jak nacionaes, e duas umbellas vermelhas, signal de distincção das altas cathegorias do imperio; depois os palanquins do pessoal da legação, e os officiaes da corveta portuqueza, fechando o sequito outro piquete de officiaes japonezes.

Durante o transito até ao palacio (mais de quatro milhas) innumero povo se apinhava nas ruas a contemplar os nossos.

A sala da audiencia estava preparada com cadeiras para todo o acompanhamento, e diante de cada uma d'ellas havia uma mesinha, aonde se serviam refrescos, á moda do paiz. Alli se apresentaram as credenciaes autographas, e foi resolvido, depois de breve mas acalorada discussão, que desde o primeiro d'outubro seguinte ficassem abertos aos navios portuguezes, os portos que já o estavam para as embarcações dos paizes que tinham feito tratados de paz, amizade e commercio com o Japão.

Depois, em outra sessão com os plenipotenciarios japonezes, conseguiu o ministro portuguez que as fazendas de linho pagassem só 5 por cento de direito de importação, em vez de 20, como se achava estipulado no tratado com a Inglaterra; de sorte que a nossa ficou sendo a nação mais favorecida no Japão.

Na tarde do dia 3 de agosto assignou-se o tratado, com todas as formalidades, e durante todo esse dia esteve embandeirada a corveta *D. João*, arvorando o estandarte japonez no tôpe de prôa.

Não se tendo ainda resolvido n'aquella corte a grave questão do ceremonial para a recepção dos embaixadores na sala do throno, não pôde ser entregue em mão propria a carta del-rei D. Pedro V para o monarcha japonez; e foi conduzida no dia 4, dentro de um estojo de prata de fino trabalho, ao palacio do ministro em que se effectuára a audiencia do dia 19. A carta ia escoltada por uma guarda de cincoenta marinheiros portuguezes, por sobre cujas cabeças ondeavam o estandarte real e a bandeira nacional; porém o calor era tão intenso, que seis praças da guarda caíram fulminadas pelo sol! O bom povo de Yedo, que fazia alas para ver passar o sequito, offerecia da melhor vontade agua e fruta aos marinheiros que ardiam em calor.

O maior silencio e respeito cercava então o estandarte real de Portugal na capital d'aquelle imperio, aonde 220 annos antes haviam sido martyrisados tantos portuguezes, e os seus conterraneos expulsos *para sempre* do territorio do Japão!

Agora duas palavras ácerca da cidade de Yedo, e aspecto geral do imperio.

A formosa capital do Japão é situada em uma bahia na costa oriental da ilha de Niphon, a maior d'aquelle archipelago; encontra-se alli um soberbo e vastissimo palacio do imperador, a monumental ponte denominada *Niphon-bas*, d'onde se contam as distancias para todas as estradas da ilha; porém não encerra grande copia de edificios notaveis, provavelmente, como suppoz Malte-Brun, por causa da frequencia de tremores de terra que traz sempre assustados os seus habitantes.

« O Japão é um bello paiz, fertil e lindo como nenhum outro! » exclama, em carta particular, um amigo nosso que fez parte da legação, n'esta viajem; e accrescenta: « E um grande jardim, por qualquer parte que se observe; as mulheres são formo-

sas, recordam o typo hespanhol; mas tanto ellas, como os homens, andam quasi nus, e nos seus costumes lembram a infancia do mundo! »

Tendo concluido a sua missão em Yedo, o ministro portuguez quiz ir estabelecer os consulados em Kanagawa e Nangasaki antes de recolher ao seu governo de Macau. Com esse fito partiu immediatamente por terra para o primeiro d'aquelles portos, e embarcando no vapor inglez *Sidney*, atravessou o mar interior, e chegou ao segundo no dia 13 de agosto. Como não apparecesse alli a corveta *D. João*, que não pôde tomar aquelle porto em consequencia do temporal que apanhára á saida do mar Amarello, embarcou s. exc. em uma escuna mercante para Shanghae, aonde chegou no dia 31. D'ahi regressou a Macau, com todo o pessoal da legação, tendo prestado um relevante serviço ao seu paiz, pelo qual nos não consta que obtivesse a menor remuneração.

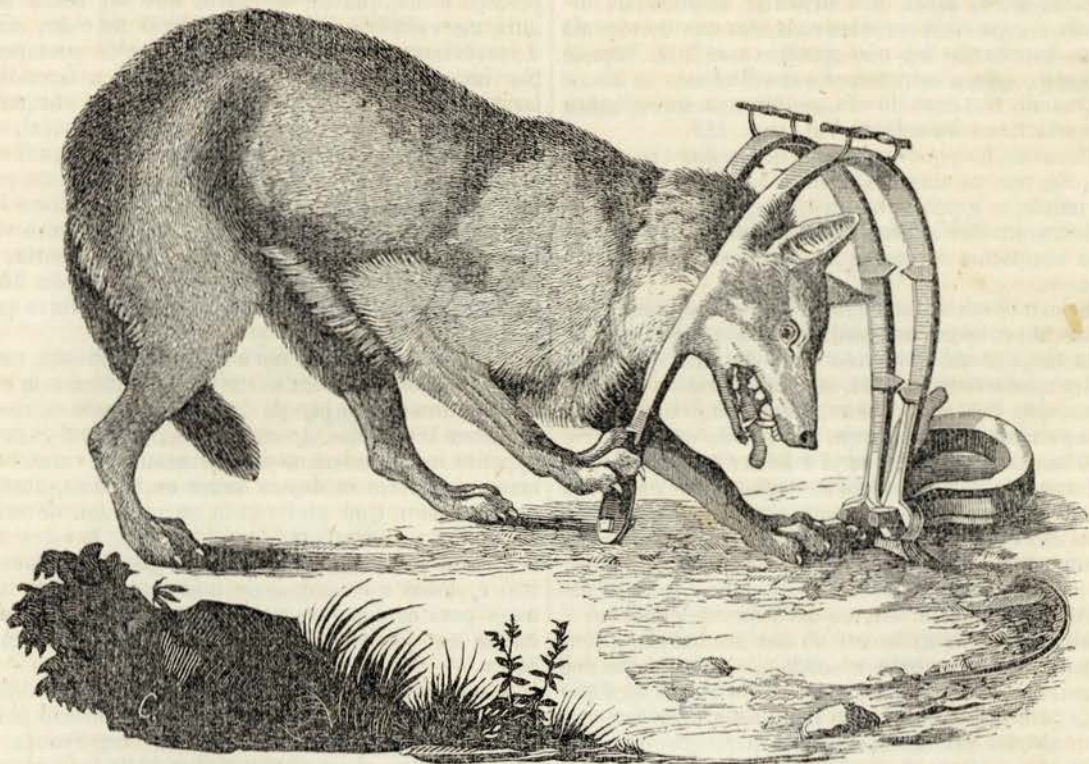
O secretario Gregorio José Ribeiro, intelligente official da nossa Armada, escreveu um relatorio que foi impresso em Macau, d'onde colhemos muitas das noticias que acabâmos de apresentar ao leitor.

O tratado acha-se impresso no « Diario de Lisboa » de 24 de dezembro de 1860.

F. M. Bordalo.

O LOBO

Ha muitos animaes de que ouvimos fallar desde a infancia, que nos servem para comparações, que andam nos adagios, e todavia nunca os vimos; uns, por serem ferozes, outros, de partes remotas. Os



O Lobo

nossos museus de historia natural são poucos e pobres; exposição de feras em Portugal é coisa rara, porque algum estrangeiro que as traz cá, por industria, não passa de Lisboa e Porto. Só pintadas as podêmos ver; e hoje a gravura de madeira presta um grande auxilio ás noções zoologicas que todo o homem deve ter. Para este fim, havemos dado já alguns desenhos dos animaes a que mais frequentemente nos referimos, tanto para comparação, como para argumento de fabulas, apologos e adagios.

Trataremos hoje do lobo, a respeito do qual temos uns trinta proverbios. Os mais citados são estes:

Fallae no lobo, ver-lhe-heis a pelle. Bem folga o lobo com o coice da ovelha. Do contado come o lobo. Nunca o lobo mata outro. Quando o lobo mata outro, ha fome no souto. Fartura de lobo tres dias dura. O mal que faz o lobo, apraz ao corvo. Lobo que preza toma, inda que se vá, não cerra a bocca. O lobo muda a pelle, mas não o vezo. O lobo perde os dentes, mas não o costume. Cão que mata lobos, lobos o matam. Onde o lobo acha um cordeiro, busca outro. Quando um lobo váe furtar, longe de casa váe ceiar. Asno de muitos, lobos o comem. Primeiro de maio corre o lobo e o veado.

Como esta é a fera mais commum que ha na Europa, e cá em Portugal, por isso a tomâmos tanto para comparações, e em todas as posturas municipaes ha premios para os que os matam.

Na Ordenação do Reino ha a seguinte disposição:

« E porque os lobos fazem grandes damnos aos gados, havemos por bem que o homem que matar lobo velho haja por cada um tres mil réis, e por lobo pequeno quinhentos réis. E o que emprazar [1] cachorros, e os mostrar, haja quatrocentos réis; do qual premio se pagará a metade á custa da nossa fazenda, e a outra á custa do povo em cujo termo forem mortos.

E o matador mostrará a cabeça e pelle do tal lo-

[1] Emprazar na linguagem da caça, é cercar o covil do animal com os cães e monteiros para que não fuja.

bo ao juiz do logar, o qual mandará fazer d'isso assento, e passará mandado para o almoxarife pagar logo a dita quantia á tal pessoa. E não estando o almoxarife presente no logar, passará mandado para o recebedor das sizas, aos quaes mandâmos que sendo-lhes mostrado o mandado do juiz, sem outro nosso, nem de official de nossa fazenda, pague o dito dinheiro.

E ao almoxarife ou recebedor, ficará a pelle do lobo, e terá cuidado de recadar do procurador, ou thesoureiro do dito logar, a metade da quantia que por elle pagou. E o juiz mandará ao thesoureiro, que faça o dito pagamento ao almoxarife. E não tendo o thesoureiro dinheiro do concelho, o juiz fará lançar finta aos moradores d'elle, da qual não será escusa pessoa alguma, posto que tenha privilegio de não pagar fintas, e haver-se-ha respeito á fazenda que cada um tiver. »

Ainda não está de todo extirpada a antiga crença popular, de que havia homens que de noite se transformavam em lobos por bruxaria, e andavam uivando e espojando-se pelas ruas, em quanto alguma alma bemfazeja lhe não quebrava o fado. Veja-se adiante o que a este respeito diz Buffon.

Quando tratámos do cão, notámos já a similhança que elle tem com o lobo. Vid. pag. 228.

Comtudo ha poucos animaes que sejam tão oppostos. Se tem as mesmas fórmas, são differentissimos na indole, e especies tão distinctas, que não só não podem contrahir alliança, mas ha entre o cão e o lobo uma antipathia invencivel, e isto basta para os distinguir.

E não é um sentimento facticio, inspirado pela educação ou pela necessidade; é a propria voz da natureza, e tão poderosa que os cães pequenos assim que aventam lobo, começam logo a tremer. Basta que lhes dê o cheiro, para deitarem a fugir, e encolhidos se enroscarem aos pés do dono.

O mastim, porém, que já conhece as suas forças, indigna-se e corre prompto ao combate, que não acaba nunca senão pela morte de um dos contendores. Mas se o cão é vencido, o lobo devóra-o; se o lobo succumbe, o cão nem sequer ousa tocar-lhe logo que o vê morto. Isto bem mostra que o lobo é inimigo natural do cão: este não faz mais que defender-se. E tambem o lobo é differente do cão nos habitos e sentimentos. O lobo ama a solidão, e debalde se tem procurado familiarisal-o, foge para o matto logo que póde, e nunca se consegue mudar-lhe o caracter feroz: não foi nascido como o cão para amigo do homem, e protector dos rebanhos, mas para devorar o homem e o gado, quando póde.

Por mais força que tenha, por mais astucia que empregue, o lobo vê-se muitas vezes constrangido a morrer de fome; com ella se lança a tudo, até aos corpos apodrecidos. O lobo esfaimado procura então as povoações, onde faz muitas victimas; se lhe falta alimento, damna-se, o que o torna ainda mais temivel. Comtudo póde passar alguns dias sem comer, com tanto que não lhe falte agua, porque então a sêde produz-lhe a raiva, enfermidade terribilissima, que se communica aos homens, e que se desenvolve de uma maneira horrorosa.

Os lobos vivem solitarios, como já dissemos; entre tanto algumas vezes colligam-se; porém não é a amizade que os reune, mas sim a necessidade de forças para ir accommetter algum rebanho ou animal mais forte e maior do que elles. Acabada porém a expedição, cada um se retira ao seu covil.

O lobo possue o sentido do olfacto em supremo gráu; dizem que lhe dá o cheiro da carne que mais gosta a uma legoa de distancia!

A loba pare cinco, seis, e ás vezes oito, até nove cachorros. No meio de uma cova ou escondrijo, é que ella assenta a sua habitação; depois de haver arrancado com os dentes todos os espinhos, cobre o chão com uma grande quantidade de musgo, e sobre esta cama é que depõe os filhos. Nascem com os olhos fechados como os cães; a mãe dá-lhes de mamar por algumas semanas, mas dentro de pouco tempo os ensina a comer carne, que lhes prepara, mastigando-a primeiro. Depois váe-lhe trazendo ratinhos montezes, lebres novas, perdizes e gallinhas vivas. Os cachorros começam por brincar com estes animaes, e acabam por matal-os; a loba então os depenna, esquarteja, e dá seu quinhão a cada um. No fim de mez e meio, ou dois mezes, os lobinhos deixam o covil, mas seguem a mãe por muitos mezes mais. Quando os atacam, defende-os ella com todo o animo, e até com furor.

O lobo vive quinze até vinte annos; na velhice embranquece-lhe o pello, e os dentes se lhe fazem rombos. E dotado de grande força, principalmente nas partes anteriores do corpo, nos musculos do pescoço e do queixo, de sorte que na bocca segura um carneiro sem o deixar tocar no chão, indo a correr com mais velocidade do que os pastores; por isso só os cães o podem alcançar, e fazer-lhe largar a preza. Defende-se com valor, se é obrigado a contender, mas prefere a fuga, se lhe é possivel, ou quando se não julga superior ao adversario. Se a fome o não obriga, e presente que póde correr algum perigo, não accommette nunca. Finalmente o lobo é feroz e covarde, ao inverso do cão que é meigo e valoroso; gosta mais da carne viva que da morta, e principalmente da carne humana; e talvez, diz Buffon, não comesse outra, se se julgasse mais forte que o homem.

« Tem-se visto, continúa o mesmo naturalista, ranchos de lobos seguirem os exercitos, e chegarem em grande numero ao campo da batalha, onde os mortos foram sepultados, desenterral-os, e devoral-os com appetite insaciavel; e assim costumados á carne humana, lançarem-se depois sobre os homens, atacarem o pastor com preferencia ao rebanho, devorar as mulheres, arrebatar crianças, etc. A estes lobos assim habituados deu-se o nome de lobishomens, isto é, lobos que andam de noite em busca de homens para os devorar, e não são feiticeiros transformados em lobos, como as velhas contavam algum dia. »

A côr do pello dos lobos muda segundo os differentes climas, e ás vezes variam até no mesmo paiz. Além dos lobos ordinarios acham-se em França, e na Allemanha, alguns que tem o cabello mais espesso, e tirante a amarello.

Quando chegam a multiplicar excessivamente em um paiz, e se tornam perigosissimos por causa da raiva, ou appetite da carne humana, então é preciso armar e convocar toda a provincia para lhes fazer montaria, e dar cabo, se não de todos, ao menos da maior parte d'elles. Os inglezes empregam n'esta caçada uma actividade tão constante, que tem conseguido exterminal-os inteiramente da sua ilha, de sorte que hoje só restam alguns nos antros da Escocia. Dava-se uma recompensa a todo aquelle que apresentasse uma cabeça de lobo, morto por elle, como entre nós se usa.

Nas nossas provincias ainda ha annos em que os lobos apparecem em tanto numero, que é mister fazer-lhes montaria. Não só a tiro, tambem a laço se apanha o lobo. A armadilha que a nossa estampa representa é segura e mui simples.

Ha, de Lafontaine, uma fabula mui citada e decorada, a do lobo e a ovelha. Bocage fez sobre o mesmo thema um apologo admiravel, por onde se vê quanto a lingua portugueza é azada para o estilo apologal.

Porque se não dá esta e similhantes fabulas nas escholas para exercicio de recitação metrica?

Ponhamol-a pois aqui á vista da figura do lobo, para esse effeito.

FABULA DO LOBO E DA OVELHA

Uma ovelha, em tempo antigo,
Estreita união travou
Co'um lobo: não sei que santo
Este milagre operou!

Esqueceu-se do rebanho,
Do guardador se esqueceu,
E em companhia do amigo
Pelos mattos se metteu.

Alli a que d'antes era
Qual mansa pomba sem fel,
Pelo exemplo estimulada,
Aprendeu a ser cruel.

Apenas lhe parecia
Ter feito já digestão,
Eis prompta, a comadre ovelha,
Para a sanguinea funcção.

Se, vendo as prêas, não tinha
O valor de arremetter,
Ao menos, depois de mortas,
N'ellas entrava a roer.

Contemplando o fero mestre,
No pervertido animal,
Os progressos que fazia
A sua eschola brutal;

De prazer e de vaidade
Lhe pulava o coração,
E tinha á sua educanda
Cada vez mais affeição.

Mas um dia em que esfaimado
Saiu com ella a caçar,
Nem rasto do que buscava
Póde ao menos encontrar.

Montes, valles, bosques, tudo
Farejou, subiu, correu;
Em fim, só farto de vento,
Na cova se recolheu.

Coseu-se á terra esfalfado,
E depois que repousou,
Para a debil companheira
Os crueis olhos lançou.

Que! (disse o mau lá comsigo)
Não ha soffrimento egual!
Hei de curtir esta angustia,
E morrer por ser leal?

A natureza me instiga,
E devo dar-lhe attenção:
Está primeiro que tudo
A propria conservação.

Tu, virtude, és attributo
Dos homens, dos racionaes;
Não me pertences: eu sigo
Meu instincto e nada mais.

N'isto veloz como um raio,
Co'a pobre ovelha investiu,
E logo, dentes e garras,
Nas entranhas lhe sumiu.

Com trémula voz pergunta
Ao desleal a infeliz:
Porque me tiras a vida,
Ingrato, que mal te fiz?

Que lei o rigor te ordena
A que eu motivo não dei?
E elle sôfrego responde:
Tenho fome, a fome é lei.

D'esta arte cevando a furia,
Não cessou de lacerar,
E, antevendo alguma urgencia,
Os ossos nús foi guardar.

Vêde, mortaes, n'este exemplo,
Exemplo cheio de horror!
O que produz a alliança
De um perverso, de um traidor.

Se os maus tiverdes por socios,
Eu fico que os imiteis,
E que lobos d'esta casta
Ou cedo ou tarde encontreis.

REIS MAGOS

Muitos auctores ecclesiasticos duvidam que os Magos, que vieram adorar o Menino Deus, fossem reis. Seriam illustres na sciencia, mas não na dignidade.

Tambem não ha certeza de como se chamavam. Os nomes que vulgarmente se lhes attribuem de Gaspar, Melchior e Balthasar, são muito modernos. Antes do seculo XII não se acha em auctor algum, o nome proprio dos Magos.

PADRE J. B DE CASTRO.

RESTAURAÇÃO DE 1640

(Vid. pag. 342)

40 contos que vale o procedido da bulla da Santa Cruzada, da qual além do residuo dos quatro réis de cada bulla que se tiram para a impressão, indevidamente leva o collegio dos padres da companhia de Salamanca, um conto de réis em cada um anno, e o mosteiro de S. Jeronymo de Belem 500$000 réis.

O tributo que chamam do salayo, que é, de cada amassadura que cozem as padeiras, um pão, que pagam a alguns donatarios; e o dos lombellos, que é de cada porco que se mata um lombello, e de cada vacca um ubre, que tambem se paga a alguns donatarios.

A repartição da pimenta que n'este reino se faz por preço mais subido do que se vende, e pelos mais damnos que comsigo traz, responde ao estanque que d'ella ha em Castella.

Aos alcaides-móres das fortalezas do sertão, já quasi arruinadas e escusadas, além dos assentamentos que alguns tem da fazenda de S. M., paga cada fogo do termo em cada um anno 36 réis, em algumas terras mais, e em outras menos, que indevidamente se levam na idade presente por não haver já vigias, nem necessidade que a ellas obrigue, que quasi responde ao que em Castella chamam moeda foreira que pagam os homens lhanos, em reconhecimento do supremo dominio, que são de 7 em 7 annos 16 maravedis, e no reino de Leão 12 maravedis.

Em algumas villas, como na de Setubal, Arruda, Cascaes e outras ha estanque dos fornos de cozer pão.

E em algumas cidades e villas, como na de Elvas, Aldêa-Gallega, Azambuja e outras, ha estanque das estalagens, estrebarias, palha e cevada d'ellas.

As camaras das cidades e villas paga cada fogo do termo um alqueire de trigo, alguns mais e outros menos, e outros nada, de que leva a terça a obra das fortalezas e muro, que responde ao que em Castella chamam martinega, que é de cada pessoa que não for isenta 12 maravedis em cada um anno, pagos em dia de S. Martinho.

Ha nos reinos as posturas da almotaçaria, coimas, e achados que pertencem ás camaras, das quaes se aparta a terça parte para a dita obra das fortalezas

e muros, o que em Castella não ha por tão pernicioso modo.

De todas as coisas de comer que entram na cidade de Lisboa se dá a terça parte para se vender pela avaliação da alfandega, no vêr do peso, e sem despacho da camara se não podem vender os mantimentos e outras fazendas, o que é de grande oppressão ás partes.

Além dos ditos tributos ha as cargas, concelhos e caminhos, calçadas, fontes, pontes, levadas de presos, gasalhados de grandes ministros e soldados, e outras que n'este reino são muito grandes e ordinarias.

As medidas do trigo, centeio, cevada, vinho, azeite e mais coisas, são menores que as de Castella e que de todos os reinos de Hespanha, e menores que as velhas que se usavam 10 por cento respectivamente, que é um genero de tributo mal entendido, e imposto nos pobres compradores a favor dos ricos vendedores.

De promixo poz V. M. sem consentimento dos tres estados dos reinos, o tributo das meias annatas, que a respeito dos filhamentos da casa real, segundo o regimento d'ella e fóros dos reinos cap. 23, se hão de continuar nos officios da justiça, fazenda, e guerra. V. M., tanto pelas leis da justiça quanto pelas de piedade, o deve mandar limitar, e tambem por ser de qualidade que dentro em tres annos esgotará o reino de todo o dinheiro, e o deixará sem substancia alguma, e aos vassallos em estado que não possam n'elles viver.

Poz V. M. outrosim, sem consentimento dos tres estados dos reinos, o tributo no repiso do bagaço da azeitona, o qual pela limitação d'elles e de seus olivaes, que são alternativos e não cadanneiros, e a azeitona ser tão magra, que tem pouco mais que pelle e osso, não será de rendimento; e pelo contrario de grande prejuizo, pela entrada que por elle se dá a V. M. na fazenda dos vassallos, porque como o tempo envelhece até o mesmo direito, lhe enfraquecerá o de seus olivaes, de maneira que junto com o real poder o venham a perder em parte ou em todo. E já por esta razão são avaliados pela sua peor fazenda (e com justa razão) porque ao justo respeito em que V. M. não tem direito algum, chama no regimento da fazenda sua, e lhe impõe penas de commisso, dinheiro e prisão pela primeira vez, e pela segunda em dobro, e pela terceira noveado, e por causa dos muitos privilegiados, por ficarem todas as cargas e serviços concelhios, pessoaes e mixtos, de que os isenta, carregando sobre os pobres; pelo que, e como V. M. manda que arrendando-se não se arrematará por menos de tres canadas por moedura, livre de custos, no caso que a d'estes reinos as dêem, as fica V. M. levando sem metter cabedal algum, e assim as não póde por moral theologia levar, e fica este meio menos justificado, e quanto baste justificado para d'elle se não poder usar.

E finalmente, sáem um anno por outro d'estes reinos 5:000 homens de mar e guerra, que vão servir a V. M. nos logares de Africa e conquistas de Guiné, India e Brasil, e dos de guerra tornam poucos, e esses com os que servem nas armadas da Costa, Flandres e outras partes; e no governo economico e politico dos reinos vão todos á corte de Madrid requerer, onde com as grandes incommodidades das distancias de suas casas, uns deixam as fazendas, e muitos as vidas, o que é um genero de tributo desesperado e affrontoso, o qual mais sentem os reinos sujeitos, de que os de Castella estão livres.

Por esta maneira ha n'estes pobres e limitados reinos onze tributos mais que nos grandes e ricos de Castella, que sendo cabeça dos mais reinos, gozam da presença e assistencia de V. M. (que é a maior felicidade dos reinos), dos proes da corte, provisões dos melhores postos, praças, officios e gages d'elles, a respeito de toda a monarchia, com o que se compensam os serviços, antigos e modernos, dos milhões que de proximo estão reduzidos ao monopolio e ao estanque do sal.

(O juiz do povo, Francisco Velho, com os demais da Casa dos 24 que servem no anno de 1632, assignaram este papel para ir a S. M. a Madrid, em 6 de agosto do dito anno).

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Enoja, por mui repetido e escusado, o gallicismo *ter logar (avoir lieu)*, de que hoje se está usando na escripta e na conversação, quando nós temos tantos verbos para empregar com variedade, em vez d'essas duas palavras, que de mais a mais, em bom portuguez, se usam n'outra accepção.

Temos por exemplo: *realisar, effectuar ou effeituar, occorrer, succeder, acontecer, haver, celebrar*, etc., com os quaes, segundo pedir o caso que houvermos de referir, escreveremos com pureza e propriedade.

Pega-se em qualquer jornal, e é infallivel encontrar-se logo: *teve logar* esta noite um grande incendio; *teve logar* outra batalha; *teve logar* a representação; *teve logar* uma desordem; *teve logar* a sessão; *teve logar* o consorcio, o baile, o enterro, etc., etc.

Nos documentos officiaes do «Diario» a mesma lenga-lenga. Despachos que *tiveram logar* no mez de tal; *teve logar* a sessão real; *terá logar* o cortejo no paço; *terá logar* o concurso; *terá logar* a arrematação; *teve logar* a audiencia, etc., etc. De sorte que parecemos uma terra de logarejos, onde se não dá passo, nem pratica acto, sem *ter logar* á vista!

Pois não é melhor dizer portuguezmente: Despachos que *houve*, que se *expediram*, que se *proferiram*, que se *verificaram*, que se *effectuaram*, que se *realisaram*, ou que se *fizeram* no mez de tal? Ha de *proceder-se* á arrematação, ou simplesmente *ha de* arrematar-se? *Houve* um incendio; *deu-se* uma batalha; *realisou-se* o consorcio; e se não está já annunciado ou esperado, *desposou-se, casou-se, celebrou-se* o matrimonio; *succedeu, aconteceu*, ou *houve* um desastre; não se *effectuou*, ou não se *realisou* a arrematação, o concurso, a estreia, a experiencia?

E não só como gallicismo escusado devemos rejeitar a locução *ter logar*, n'estas e similhantes phrases, mas tambem porque *ter logar* na nossa lingua significa *ter espaço, cabimento, opportunidade;* vir ou cair *a proposito*. Dêmos alguns exemplos.

«Não *tem logar* a pretenção do supplicante» Esta formula de despacho quer dizer que não tem cabimento, admissão, fundamento, procedencia, o que se allega ou requer. E tambem, que não tem vez, vagatura etc.

«O marquez fallou a el-rei logo que *teve logar* (occasião, opportunidade). — *Vieira*.

«E quando *teve logar* deu conta de tudo ao visorei. — *J. de Barros*.

Agora *tem logar* referirmos o que no tomo segundo apenas acenámos. — *J. Cardoso*.

Julgava *ter logar* reservado no ceo o estulto e soberbo imperador. — *Fr. Christovão de Lisboa*.

Teve logar o remoque do prégador, embora em tal solemnidade (isto é, foi bem cabido, veiu a proposito). — *D. Francisco Manuel*.

Á vista de taes exemplos, quem não dirá que a locução afrancezada *ter logar*, por *acontecer, effectuar-se* etc., repugna á indole, clareza, e propriedade da lingua portugueza?

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.